

Contando as nossas vivências--Criando a nossa mitologia: Algumas Vozes Femininas na Literatura Luso-Americana

Autor(a): Diniz Borges | **Saiba mais sobre o(a) autor(a)**

Tema: Língua e Literatura

Subtema: Imprensa escrita

Referência geográfica do conteúdo: Califórnia, USA

Data de publicação: 29/10/2008

Línguas disponíveis: Português

RESUMO

A Comunicação social em língua portuguesa na Califórnia tem servido para estreitar os laços da terra de origem com as comunidades.

CONTEÚDO

*Nowadays people like to claim that they're
the product—and I mean exactly that—of
the land of their ancestors; it suggests ceremonies
and royalty and flights of fancy, more glamorous
than the shopping lists we make of our days.*

Katherine Vaz in *Fado and Other Stories*

O conhecido historiador norte-americano Oscar Handlin disse em 1951 que uma vez havia pensado em escrever a história da emigração para a América, porém, cedo descobriu que a história dos emigrantes era a história americana.[i] E o historiador levou anos tentando imprimir este pensamento na consciência pública dos Estados Unidos. Mas Handlin, tal como outros pioneiros da história da emigração para os Estados Unidos, embora sejam considerados clássicos neste campo, dão-nos, infelizmente, anais incompletos, porque neles estão omitidas as narrativas das mulheres, as quais são mencionadas, apenas pontualmente e para aludir às crises que as famílias atravessam ao emigrar para um novo país. Com uma historiografia muito mais ampla do que há metade dum século, as vivências da mulher emigrante, e suas descendentes, em terras do Tio Sam, apenas começaram a sentir outro significado quando um grupo de mulheres romancistas e poetas começaram a ficcionalizar as suas experiências e as das suas congêneres. E nas nossas comunidades portuguesas, apesar de estarmos ainda muito longe de outros grupos étnicos, também foram as criadoras literárias que deram voz a quem durante muitos anos tem estado votado ao esquecimento.

Apesar dos historiadores terem prestado pouca atenção às vidas das mulheres emigrantes para os Estados Unidos, dir-se-á que já no princípio do século vinte as mulheres provenientes de outras partes do globo haviam sido alvo de estudos. O caso de Jane Addams e Lillian Wald, por exemplo, que escreveram imenso sobre as mulheres, muitas das quais residentes dos lares especiais que possuíam para as albergar[ii]. Um outro grupo de cientistas sociais, este liderado por Caroline Ware e Grace Abbott realizou imensos trabalhos sobre a mulher emigrante nas fábricas de têxteis dos Estados Unidos[iii]. Mais tarde, outras estudiosas publicaram trabalhos dedicados a grupos específicos. Como exemplo podemos citar Emily Balch sobre as mulheres da Europa de Leste; Louise Odencrantz sobre as italianas, Mary White Ovington dissertou sobre as mulheres negras que migraram do sul para as cidades do norte e Sophonsiba Breckinridge escreveu imenso sobre as vidas particulares das mulheres emigrantes, focando a participação cívica e política das mesmas[iv].

Mas foi essencialmente a partir da criatividade literária que alguns dos assuntos mais prementes foram apresentados e começou-se a ter um outro conhecimento sobre as vidas das mulheres emigrantes para os Estados Unidos. É que embora tivessem começado nos fins do século dezanove, foi essencialmente na segunda metade do século vinte, depois da segunda guerra mundial que as mulheres de quase todos os grupos étnicos começaram a contar as suas histórias. Foi também a partir desse momento que se redescobriu, com entusiasmo, as pioneiras neste campo como: Anzia Yezieerska com *Bread Givers* publicado em 1899; Mary Antin com *The Promised Land* em 1912 e Emma Goldman em 1931 com *Living My Life*[v]. Todos estes romances têm como pano de fundo as vidas de mulheres do leste europeu, judias e activistas no mundo do trabalho, contendo uma grande dose de autobiografia. Na década de 1950 viu-se o surgimento de outras vozes femininas vindas de outros grupos étnicos como: Paule Marshall focando as emigrantes das Caraíbas no livro *Brown Girl Brownstones* em 1959; Monica Sone sobre as japonesas em *Nisei Daughter* publicado em 1953 e Jade Snow Wong escrevendo sobre as experiências das mulheres emigrantes provenientes da China em *Fifth Chinese Daughter*, publicado em 1950 com segunda edição em 1965[vi]. Aliás, quase todos estes títulos, agora utilizados em cursos sobre a experiência emigrante para os Estados Unidos, têm tido segundas e sucessivas edições.

Porém o renascimento na criatividade literária da mulher emigrante para os Estados Unidos aconteceu, essencialmente, entre 1980 e 1990. Uma amalgama de vozes saíram à ribalta. A experiência da mulher sino-americana foi contada com mestria por vozes tão populares como Maxine Hong Kingston e Amy Tan. A autobiografia *Warrior Woman* de Maxine Kingston e *The Joy Luck Club* de Amy Tan, tornaram-se sucessos editoriais e foram o impulso necessário para outras vozes femininas das múltiplas comunidades que compõem o multiculturalismo estadunidense. Cynthia Koda-hata sobre as nipo-americanas em *The Floating World*; Sandra Cisneros sobre o mundo das latino-americanas em *The House on Mango Street*; Julia Alvarez sobre as mulheres emigrantes da República Dominicana em *How the Garcia Girls Lost Their Accents*; Jamaica Kincaid sobre as histórias das emigrantes das Caraíbas, mais concretamente do Haiti em *Lucy*; Cristina Garcia sobre as cubanas em *Dreaming in Cuban*, entre outras[vii].

Nestas narrativas existem, essencialmente, duas grandes preocupações. As pioneiras, tais como as do leste europeu, e Maxine Honk Kingston, tinham como desassossego principal as suas protagonistas, tentando encontrar a sua própria voz ou então dando expressão às mulheres, que se viam, extremamente dificultadas, quer pelas fracturas naturais do processo de emigração, quer pela sua integração—ou tentativa de integração— num mundo muito mais complexo e bastante diferente. As que começaram a publicar nos anos oitenta focaram as dificuldades de alinhamento na sua linguagem e de entender o mundo americano e o mundo das suas mães, aquele que ainda as rodeava. Estas autoras falam-nos eloquentemente, mas nem sempre a mistura da sua etnia, com o “mainstream”, foi ouvida, ou compreendida, pelo resto da sociedade.

No mundo luso-americano, apesar de estarmos numa escala bastante mais inferior e, infelizmente, menos conhecida pelo “mainstream” americano, o processo foi idêntico. Primeiro apareceram as narrativas relacionadas com as viagens, seguindo-se o processo de integração, a inquietação em dar alguma voz à mulher e mais tarde, a mistura das duas culturas, a dualidade das línguas, o carimbo da pertença ao “melting pot” mas com as suas próprias marcas e nas vozes contemporâneas, a redescoberta das raízes.

O nosso processo, bastante mais humilde, como já se disse,

especialmente em termos de conhecimento pelo resto da sociedade estadunidense, começou, à semelhança de muitos outros grupos étnicos utilizando a língua materna e falando das viagens, da vinda para os States. Mais, as primeiras criadoras preferiram, tal como os homens, a quadra, a poesia popular. E tal como escreveu o conhecido estudioso Professor Doutor Eduardo Mayone Dias: “trata-se, pois de uma literatura directamente resultante do câmbio de circunstancialidade vital, aquela que não teria sido possível noutras latitudes. Em grande número de casos é constituída por composições poéticas de feição popular, consonantes com o perfil da grande massa emigratória, de gritante simplismo técnico e estilístico mas não por isso destituída de enorme poder expressivo”^[viii]. É o caso de Luíza Dias que num poema inserido no livro *Cantares de Além Mar* coordenado pelo mesmo catedrático, agora jubilado da UCLA (Universidade da Califórnia, Los Angeles), o Professor Doutor Eduardo Mayone Dias, escreve:

Quando o mastro rebentou
Eram onze horas do dia
Eram facas e machados
Tudo a maior agonia

Eram caixas p'ra um lado
Baús p'ro lado da doca
Ali quase não se ouvia
Senão gritos de boca.

Ó comadre e minha mana
Era p'ra considerar
Todos os nossos corações
Como podiam estar.

Ó minha mãe da minha alma
Tanto bem que eu te queira,
Olhar p'ra um lado e outro
O mar era o que via^[ix]

O processo de adaptação, que é acompanhado pelo inevitável isolamento também foi expressivo pelas poucas vozes femininas que no mundo luso-americano utilizaram a lírica para se enunciarem. Uma das mais prolíferas criadoras no campo da poesia popular, também escrita em português, foi a açoriana Maria Etelvina Azevedo Lima. Segundo Mayone Dias, que sobre ela escreveu alguns trabalhos, e a incluiu nos *Cem Anos de Poesia Portuguesa na Califórnia*, Maria Etelvina na sua poesia popular reflecte “o sentir popular do emigrante ilhéu, que só assim se pode desafogar do peso da nova cultura e da nostalgia do que ficou para trás.^[x]” Vejamos um excerto dum poema popular no qual sentimos o confronto duro com a realidade de se estar num país estrangeiro, os dilemas da língua e o choque com o multiculturalismo:

Aqui vamos a um doutor

Seja óculos ou dentista
Temos que levar um professor
Para a conversa ficar dita

Vamos para a igreja rezar
Fica uma pessoa pateta
Não se entende o padre a pregar
Nem se a missa está certa

Encontra-se uma pessoa
Vê-se que é alguém que passa
Mas não se sabe se é boa
Porque aqui há muita raça[xi]

Ainda na poesia da geração emigrante há a registar Josefina do Canto e Castro, actualmente a viver no sul da Califórnia. Com os seus 96 anos de idade, esta açoriana da ilha do Pico, mantém uma coluna que dá por título “Da Minha Janela”, no jornal *O Dever* da Ilha Montanha, e em jornais da emigração. Com vários livros publicados, incluindo *Poemas de Ontem e Despedida*, é uma poesia de vivências, marcada pela saudade, pela religião, pela adaptação e pelo exílio, como este poema escrito no Mills College em 1946:

Porque não dormem as rãs no lago?
Porque não dorme o relógio?

Porque não dorme esta borboleta
Negra e feia
Que dança sem cessar
À minha volta?

Porque não dorme o comboio,
O ruído e a noite?

E o avião que atravessa o espaço
Com sua luz vermelha
Como gota de sangue
Suspensa no ar?

Porque não dorme a distância
E a dor... e a saudade[xii]

Há ainda a registar a voz de Maria das Dores Beirão. Formada em

Portugal como professora do ensino primário, vive no popular Vale de Napa, no norte da Califórnia. Para além de uma vida activa nas actividades culturais das nossas comunidades, incluindo as célebres noites culturais no Portuguese Athletic Clube nos anos de 1970 e começo de 1980 e agora na adega Beirão no próprio Vale de Napa, Maria das Dores acaba de publicar o seu primeiro livro de poesia: Beijo de Abelha. Uma lírica que engloba as vivências na ilha com as vivências lusolândesas, numa simbiose onde o popular se mistura com a erudição como neste fragmento do poema Ilha:

Ilha mãe, de olhos pretos como amoras,
fontes das ribeiras que correm para o mar
cheia das tuas lágrimas
te leva os filhos
para madrastas
desconhecidas
e aí os deixa ficar.

Ilha fêmea, escrava da tua solidão,
Sapateia em terra de Bravos,
cercada p'lo mar amante
e já de mim tão distante
que p'ra me calar, então,
me envia a saudade.
Em vão[xiii]

Uma outra faceta da lírica luso-americana está patente nos então alunos das universidades americanas. Foi a primeira geração de emigrantes que trocou o trabalho nas fábricas e nas vacarias americanas pelos os bancos da universidade. Desse grupo saliente-se algumas mulheres, como por exemplo: Manuela Costa, Adelaide Batista, Carolina Matos e Rosa Simas, entre outras. Nestes casos temos uma poesia moderna, erudita em que por vezes se utiliza elementos da cultura dominante e os vocábulos lusolândeses.[xiv] Ficamos com dois breves extractos, um de Adelaide Batista e outro de Rosa Simas. A primeira já uma poesia consciente de uma outra América e onde a saudade não é excessiva. Uma poesia que contacta directamente com as realidades do novo país. A segunda uma poesia mais carregada da saudade. É o desejo de se voltar à ilha, sabendo-se que tal fica quase sempre em sonho:

Avenidas de Nova Iorque.
Bocas abertas em desafio.
Pequenina, a menina passa como gota que
no oceano se perde para encontrar no
todo que ali é nada.
Monstros a trituram e a esvaziam

desse nada que possui.

Robots passeiam, rápidos, troteantes, atropelantes, no funil rodopiante da avenida distante, sempre fugidia, vertiginosa, desabrida. Gente, gente que se passeia, acotovela, corre ligeira...[xv]

Junto dos vales da Calafona a gente aguámos
e chorámos por ti, ai, Ilhas Queridas.

Nossas guitarras suspendidas num lamento de fado; nossos bandolins fingindo uma roda de chamarrita.

Eles que nos enfatuaram com dolas e mechins

que nos encantaram com a terra de Coke e

Sarah Lee “o senhor desculpe” um povo que

“não tem memória” não tem fala.

Como vamos sepultar vergonha em terra alheia?[xvi]

Mas a caminhada da criatividade feminina no mundo luso-americano foi variada. Para além destes nomes há que salientar outros de descendentes de portugueses, que tal como nos outros grupos étnicos expressaram-se em inglês e viram os seus escritos terem outra repercussão. Um desses nomes foi o de Olga Cabral. Filha de pais portugueses, nascida em 1909 nas Caraíbas, viveu algum tempo em Winnipeg no Canadá, tendo-se mudado para Nova Iorque onde viveu o resto da sua vida. Segundo uma comunicação apresentada na universidade Yale pelo distinto catedrático luso-americano Professor Doutor George Monteiro, que em conjunto com a Professora Doutora Alice Clemente prepara uma antologia de poesia luso-americana, Olga Cabral foi casada com o poeta judaico Aaron Kurtz. Publicou em revistas e é autora de vários livros incluindo: *The Evaporated Man* em 1968, *Tape Found in a Bottle* em 1971, *The Darkness Found in My Pockets* em 1976, *Occupied Country* em 1976, *In the Empire of Ice* em 1980, *The Green Dream* em 1990 e uma colectânea de poesia *Voice/Over: Selected Poems* em 1993[xvii]. A sua poesia é extremamente marcada por um forte sentido de justiça social e nota-se que está perfeitamente enquadrada na sociedade americana. Se a poeta se sentiu, por vezes nas margens, tal sentimento relaciona-se com a sua ideologia e algum desencantamento com o sistema vigente nos Estados Unidos. A sua poesia raramente referênciava a sua ascendência portuguesa, embora pouco antes de morrer descreveu-se num dos seus livros como: “uma comunista portuguesa. [xviii]”

Outros dois nomes a referenciar são os de Nancy Vieira Couto, nascida em New Bedford Massachusetts no ano de 1942 e que publicou um livro de poesia: *The Face in the Water* o qual foi premiado com o *Agnes Lynch Starrett Poetry Prize*. E Emily Monteiro Morelli que vive em Colorado e que tem publicado em várias revistas literárias[xix]. Menos conhecidas, mas que também se expressam em inglês e reflectem as vivências luso-americanas na sua poesia e nas suas memórias: Sãozinha Beirão do vale de Napa e Mary Lourdes Silva do vale de São Joaquim. Esta última acaba de concluir um mestrado em escrita criativa com uma tese que foi altamente aplaudida pela universidade estadual da Califórnia em Fresno, e na qual se encontram uma série de poemas com as suas experiências como filha de emigrantes açorianos numa vacaria do centro da Califórnia.

No campo da autobiografia há ainda a salientar que as vozes

luso-americanas contam com um trabalho de Laurinda Andrade, *The Open Door*, publicado em 1968 e há muito esgotado. Esta corajosa mulher que aos dezassete anos emigrou da ilha Terceira, contava apenas com a escola primária em Portugal, não tinha ninguém conhecido nos Estados Unidos. Porém, com uma pequena mala e cinco dólares no bolso, pôs-se em viagem para o Novo Mundo. Tudo isto acontece no longínquo ano de 1916. Trabalhou em fábricas, teve problemas de saúde, mas conseguiu uma educação universitária, chegando a ser a primeira mulher directora dum jornal português nos Estados Unidos, secretária da Legação de Portugal em Washington e professora no ensino secundário americano na Nova Inglaterra. O seu *The Open Door*, merecia uma segunda edição.

Há ainda a registar outras vozes femininas na criatividade luso-americana: Pauline Correia Stonehill publica em 1995 *A Barrellful of Memories: Stories of My Azorean Family*[xx]. Uma mistura de autobiografia com memórias dos seus antepassados; Doris Machado Van Scoy, quem em 1992 publica outra história de família: *A Quest for the Story of António and Maria from the Azores to a Washington Townshi*[xxi] e Sue Fagalde Lick, que depois de publicar *Stories Grandma Never Told: Portuguese Women in Califórnia*[xxii], uma amalgama de pequenos fragmentos das vidas de mulheres emigrantes, assim como da primeira e da segunda gerações no estado de Cabrilho, dá à estampa em 2003 um livro de contos.

Mas de todas as vozes femininas luso-americanas nos Estados Unidos, indubitavelmente, a que é a mais conhecida, especialmente pelo “mainstream” norte-americano é a de Katherine Vaz. Foi o romance *Saudade*, onde os Açores estão presentes como fonte de inspiração, que tornou Katherine Vaz na mais reconhecida de todas as autoras de descendência lusa. Tal como as suas congéneres de outros grupos étnicos, quer em *Saudade*[xxiii], quer em *Fado and Other Stories*[xxiv], livro de contos, as personagens são parte integrante do mundo americano com referências culturais ao mundo dos seus antepassados. Katherine Vaz, é uma voz feminina importante para a afirmação da identidade lusa nos Estados Unidos e foi das primeiras vozes desta nova geração, entre homens e mulheres, a trazer a criatividade do nosso grupo étnico ao princípio do patamar que há muito precisávamos ter atingido. Em *Saudade*, Katherine Vaz conta-nos a história de Clara, uma emigrante surda das ilhas dos Açores que em jovem se fixa no norte da Califórnia, criando com base na sua herança cultural, a sua própria linguagem. Um livro que tal como nos afirmou o crítico literário Vamberto Freitas no excelente ensaio “Arte e Memória” incluído no seu livro *Mar Cavado* é acima de tudo:

...este é acima de tudo um romance de profundas intertextualidades...memória e identidade e a reconstituição de mundos perdidos e outros em construção são as suas temáticas principais, em que as linguagens de cada um são na ausência de referenciais num mundo pós-moderno, as comunidades possíveis, o equilíbrio entre o ser e o desfasamento total que todos procuram ao longo da narrativa. Esta é uma literatura feita de memória viva de gentes, lugares e coisas...”[xxv]

Numa análise sobre a presença portuguesa na literatura étnica dos Estados Unidos o Professor Doutor Francis Rogers define a literatura étnica como: “...uma literatura de maturidade. Quase por definição, a literatura étnica normalmente tem que ser escrita por emigrantes residentes aqui por muitos anos e por descendentes nascidos cá. A literatura étnica de americanos de descendência portuguesa é parte integrante da literatura americana, e não da literatura portuguesa. Dedicar-se a dilemas americanos e não portugueses.”[xxvi] Daí que as vozes femininas que se

tem expressão em inglês, apesar da sua descendência portuguesa ser parte integrante do mundo criativo americano. Porém, ao escreverem sobre temas americanos, como a emigração, fazem-no com a tradição cultural portuguesa e açoriana, começada pelas vozes pioneiras das quadras populares das nossas primeiras emigrantes a contarem as nossas vivências e a criarem a nossa mitologia.

Será que algum dia a literatura étnica americana terá no seu cânone nomes portugueses tão sonantes como os de Toni Morrison para a comunidade afro-americana; Louise Erdrich para os nativo-americanos; Amy Tan para os sino-americanos; Bharati Mukherjee para os indo-americanos, ou Denise Chávez para os latino-americanos? Será que algum dia ter-se-á, no seio da sociedade americana, o mesmo “status” memorial e literário que estes outros grupos étnicos possuem? Eu acredito, veementemente, que, mais dia, menos dia, isso acontecerá, e acredito que chegaremos lá com um conjunto de vozes femininas.

Notas

[1] Handlin, Oscar. *The Uprooted: The Epic Story of the Great Migration that made the American People*, (Boston: Little Brown, 1951) p.3

2 Addams, Jane. *Twenty Years at Bull House* (New York: Macmillan, 1910). Wald, Lillian. *The House on Henry Street* (New York: Henry Holt, 1915)

3 Abbot, Grace. *The Immigrant and the Community* (New York: The Century Company, 1917). Ware, Caroline. *Greenwich Village, 1920-1930* (Boston: Houghton Mifflin, 1935).

4 Balch, Emily Greene. *Our Slavic Fellow Citizens* (Philadelphia: Wm. Fell, 1910). Odencrantz, Louise. *Italian Women in Industry: A Study in Economic History* (New York: Appleton and Co, 1920). Ovington, Mary White. *Half a Man: The Status of the Negro in New York* (New York: Longman, 1911). Breckinridge, Sophonsiba. *New Hones for Old* (New York: Harper Bros., 1921)

5 Yeziarska, Anzia. *Bread Givers* (New York: Persea Books, c1899). Antin, Mary. *The Promised Land* (Boston: Houghton Mifflin, 1912). Goldman, Emma. *Living My Life*. (New York: Da Capo Press, 1931)

6 Marshal, Paule. *Brown Girl Brownstones*. (New York: Feminist Press, 1981). Sone, Monica. *Nisei Daughter*. (Boston: 1953) Wong, Jade Snow. *Fifth Chinese Daughter* (New York: 1965)

7 Alvarez, Julia. *How the Garcia Girls Lost Their Accents*. (Chappel Hill: Agonquin Books, 1991). Cisneros, Sandra. *The House on Mango Street*. (Houston: Arte Publico Press, 1984). Garcia, Cristina. *Dreaming in Cuban*. (New York: Knopf, 1992) Kincaid, Jamaica. *Lucy*. (New York: Farrar Straus Giroux, 1990). Kingston, Maxine Hong. *The Woman Warrior: Memoirs of a Girlhood among Ghosts*. (New York: Knopf, 1976). Tan, Amy. *The Joy Luck Club*. (New York: Putnam, 1989).

8 Dias, Eduardo Mayone. *Escritas de Além-Atlântico*. Lisboa: Salamandra, 1998. p.8

9 Idem, pgs. 12-13

10 Idem, p. 75

11 Idem, pgs. 20-21

12 Castro, Josefina Amarante Freitas do Canto e. *Poemas de Ontem*. Fall River: Portuguese-American Publications, Inc, 1989. p. 31

13 Beirão, Maria das Dores. *Beijo de Abelha*. San Jose, CA: Portuguese Heritage Publications (coleção Décima Ilha), 2003

14 Palavras que foneticamente são semelhantes ao inglês

15 Batista, Adelaide Monteiro. *De Emigração Tecido*. Ponta Delgada: Signo, 1990.

16 Simas, Rosa Maria. “Salmo 137-II, The Portuguese Tribune, San José Califórnia, 18 de Agosto de 1980.

17 Monteiro, George. “Portuguese-American Poetry in the United States: From Emma Lazarus to Frank Gaspar” paper read at Yale University during the colloquium “Portuguese-American Literature—The First One Hundred years” April 14th 2001

18 idem

19 idem

20 Stonehill, Pauline Correia. *A Barrelful of Memories: Stories of My Azorean Family*. Corstone Publishing: San Jose, CA, 1995.

21 Van Scoy, Doria Machado. *A Quest for the Story of Antonio and Maria from the Azores to a Washington Township*. Los Altos, CA: edição de autor, 1992

22 Lick, Sue Fagalde. *Stories Grandma Never Told: Portuguese Women in California*. Berkeley, CA: Heyday Books, 1998

23 Vaz, Katherine. *Saudade*. New York: St. Martin's Press, 1994

24 Vaz, Katherine. *Fado and Other Stories*. Pittsburg, PA: University of Pittsburg Press, 1997

25 Freitas, Vamberto. *Mar Cavado: Da Literatura Açoriana e de Outras Narrativas*. Salamandra: Lisboa, 1998

26 Rogers, Francis M. "The Contributions of Americans of Portuguese Descent to the U.S. Literary Scene." *Ethnic Literatures Since 1776: The Many Voices of America*. Ed. Wolodymyr T. Zyla and Wendel M. Aycock. Part 2. Lubbock, Texas: Texas Tech, 1978